

COMPREENDENDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOCENTES EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL: UMA PESQUISA VIRTUAL NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

*Marcos Antonio Fonseca Calado*¹
caladomarcos@hotmail.com

RESUMO

O presente texto objetiva demonstrar os resultados da pesquisa realizada sobre as novas práticas adotadas pelos docentes de uma Instituição particular de Ensino Superior pernambucana, a Focca – Faculdade de Olinda, em tempos do novo coronavírus, no intuito de contribuir para que os gestores da instituição e dos cursos envolvidos na investigação, possam realinhar planos e programas de ensino para um futuro cenário incerto e inseguro. A coleta de dados foi realizada através de formulário eletrônico, pela Internet, no mês de abril de 2020, com participação aberta e opcional para os docentes dos cursos de Administração e de Ciências Contábeis, com universo de respondentes estimado em 27 professores. Desses, 21 responderam ao questionário totalizando uma participação de 78% do universo pesquisado. Os resultados indicam que os professores precisaram se “reinventar”, adotando procedimentos da educação a distância, onde a maioria não tinha experiência comprovada.

Palavras-chave: Coronavírus. Covid-19. Docência em Administração. Isolamento Social. Pesquisa Acadêmica. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This text aims to demonstrate the results of research carried out on the new practices adopted by the professors of a private institution of Higher Education in Pernambuco, Focca - Faculdade de Olinda, in times of the new coronavirus, in order to contribute to the managers of the institution and of the courses involved in research, can realign educational plans and programs for an uncertain and insecure future scenario. Data collection was carried out using an electronic form, over the Internet, in the month of April 2020, with open and optional participation for teachers in the Administration and Accounting Sciences courses, with a universe of respondents estimated at 27 teachers. Of these, 21 responded to the questionnaire with a total participation of 78% of the surveyed universe. The results indicate that teachers needed to “reinvent themselves”, adopting distance education procedures, where most had no proven experience.

Keywords: Academic Research. Coronavirus. Covid-19. Pedagogical Practice. Social Isolation. Teaching in Administration

¹ Economista, mestre em Administração e doutor em Educação. Professor e coordenador do Núcleo de Iniciação Científica e Relacionamento com o Egresso da FOCCA – FACULDADE DE OLINDA.

1 INTRODUÇÃO

O dia 16 de março de 2020 será uma data inesquecível para todos os docentes do ensino superior que atuam na Focca – Faculdade de Olinda, principalmente aqueles que, há décadas, vinham desenvolvendo suas práticas pedagógicas na modalidade presencial. Nessa data, em sintonia com as orientações governamentais, todas as aulas presenciais foram suspensas, com a recomendação de que fossem ministradas, a partir de então, de forma “remota”! O que isso veio a significar na vida dos professores, bem como as estratégias criadas diante desse novo desafio permeou a pesquisa divulgada no presente texto.

Como se sabe, o que provocou tamanha e repentina mudança teve origem em uma pandemia que os carnavais da vida preferiram ignorar. Recentemente, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) – escritório regional da Organização Mundial de Saúde (OMS) – foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado antes em seres humanos (OPAS, 2020). Essa emergência no campo da saúde, que teve início como uma epidemia, viria a se tornar uma pandemia, atingindo profissionais do mundo inteiro, entre esses os professores, afetando seus empregos, seu modo de vida e, principalmente, suas práticas pedagógicas de forma imediata, pois nada disso foi previsto, como afirmam Freitas, Napimoga e Donalisio (2020, p. 1) em referência à Covid-19: “não existiam planos estratégicos prontos para serem aplicados a uma pandemia de coronavírus – tudo é novo”. No entanto, para alguns teóricos da saúde, essa nova pandemia poderia ter sido prevista. Matos (2018), por exemplo, afirma que alguns epidemiologistas defendiam a ideia de que a previsão de uma nova pandemia se assemelharia ao processo da previsão do tempo, “governada” por sistemas caóticos, e sugeriu determinadas ações preventivas que, tudo leva a crer, não foram seguidas pelas lideranças políticas governamentais de vários países.

Diante dessa nova realidade, os docentes de todos os níveis de ensino, tanto na rede pública como na rede privada, viram-se compelidos a mudar suas estratégias docentes, passando a utilizar recursos tecnológicos que, apesar de já estarem disponíveis há bastante tempo, eram desconhecidos pela maioria desses professores. Além disso, esses docentes viram-se obrigados a permanecer “em casa”, em um isolamento social nunca antes vivido. Por tudo isso, o objetivo do presente texto é demonstrar as novas práticas pedagógicas adotadas pelos docentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, bem como a sua rotina diária em tempos do novo coronavírus, no intuito de contribuir para que os gestores da instituição e dos cursos envolvidos na pesquisa, possam realinhar planos e programas de ensino para um cenário futuro incerto e inseguro.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, preferiu-se classificar a pesquisa conforme recomenda Zanella (2009), de acordo com o problema a esclarecer, os objetivos e os instrumentos de coleta de dados. Dessa forma, a pesquisa pode ser considerada como qualitativa, na medida em que procurou obter opiniões dos docentes e, ao mesmo tempo, quantitativa, na medida em que grande parte das respostas foram explicitadas em gráficos e percentuais. Também tratou-se de uma pesquisa descritiva uma vez que seus objetivos visaram apenas mostrar uma realidade de momento e, por fim, identifica-se como um típico estudo de caso, na medida em que apenas os docentes de uma determinada instituição foram alcançados pela investigação.

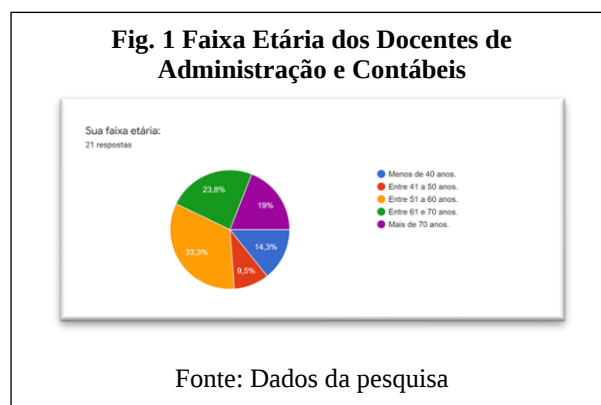
Os sujeitos de pesquisa, bem como o instrumento de coleta de dados, foram obtidos através de formulário eletrônico, pela Internet, nos dias de 29 e 30/04/2020, com participação aberta e opcional para os docentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, com universo de respondentes estimado em 27 professores. Nesse caso, 21 docentes responderam ao questionário, perfazendo 78% do total dos docentes dos dois cursos.

Os dados coletados foram tratados automaticamente pelo site que disponibiliza o questionário eletrônico – Formulário Google –, sendo apresentados sob a forma de gráficos no formato de “pizza”, com exceção para a pergunta aberta, que lista os depoimentos dos docentes.

3 IDENTIFICANDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

A experiência acadêmica dos docentes pesquisados está associada à sua faixa etária. Fundamental seria identificar a idade média dos professores uma vez que a sua dedicação ao ensino, na forma presencial, provavelmente influenciaria enormemente na sua capacidade de absorver a mudança de novas práticas e, principalmente, adaptar-se aos apetrechos tecnológicos que se avizinhava.

Nesse caso, verificou-se que 76,1% dos docentes possuem mais de cinquenta anos (fig. 1), sinalizando para uma possível maior dificuldade em mudar suas práticas de presenciais para “remotas”, pois, como sugerem Casadei, Bennemann e Lucena (2019, p. 1965), “deve-se levar em consideração que a inclusão digital dos idosos compreende um processo diferente, quando comparados a crianças e jovens adultos, já que geralmente os idosos necessitam de tempo maior para manusear e assimilar as funcionalidades dos dispositivos tecnológicos”.



Além disso, essa faixa etária indica pelo menos que tais docentes não são – como seus alunos – “nativos digitais”, mas, essencialmente, são vistos como “imigrantes digitais”, no dizer de Marc Prensky (2001). Nesse sentido, torna-se importante evidenciar que, como adverte Prensky (2001), nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Já os “imigrantes digitais” aprendem – como todos os imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, mantendo, em certo grau, o seu “sotaque”, que é o seu pé no passado.

Como veremos mais adiante, em seus depoimentos, todos os docentes dos dois cursos investigados, evidenciam as dificuldades encontradas, tanto com respeito às mudanças na forma

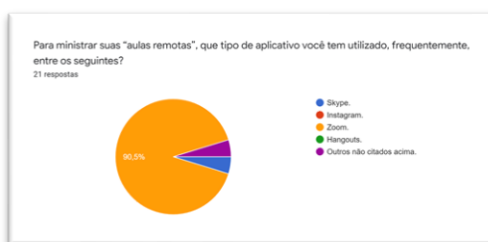
de transmitir os seus conhecimentos, quanto na ambientação com as tecnologias disponibilizadas para o ensino a distância – denominadas aqui de “aulas remotas”.

4 USANDO APLICATIVOS ATÉ ENTÃO POUCO CONHECIDOS

Como já citamos anteriormente (CALADO, 2004), os professores agora também são alunos, pois a tecnologia, para muitos deles, é um fato inesperado e surpreendente. No entanto, como recomenda Morin (2002, p. 30), ao descrever o erro e a ilusão como as cegueiras do conhecimento, “quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.” Nesse sentido, visando a compreender suas estratégias, procurou-se saber que tipo de “aplicativo” os docentes estavam usando em suas “aulas remotas”. A maioria absoluta (90,5%) decidiu utilizar o “Zoom” conforme demonstra a Fig. 2. A respeito desse aplicativo, vale a pena salientar que trata-se de um serviço de videoconferência baseado em nuvem que se pode usar para se encontrar virtualmente com outras pessoas – por vídeo ou somente áudio ou ambos, durante a realização de bate-papos ao vivo – além de permitir gravar essas sessões para visualização posterior. No entanto, convém salientar algumas particularidades desse aplicativo, conforme advertem Tillman e Willings (2020, p. 4),

O Zoom permite sessões de bate-papo individuais que podem se transformar em chamadas de grupo, sessões de treinamento e webinars para públicos interno e externo e videoconferências globais com até 1.000 participantes e até 49 vídeos na tela. O nível gratuito permite reuniões individuais ilimitadas, mas limita as sessões de grupo a 40 minutos e 100 participantes.

**Fig. 2 Aplicativos Usados nas Aulas Remotas
(Administração e Ciências Contábeis)**



Fonte: Dados da pesquisa

Dessa forma, os docentes que não possuem “assinatura” do aplicativo veem suas aulas limitadas a 40 minutos, a não ser que agendem várias reuniões no mesmo dia – o que pode ficar cansativo para aqueles que delas participem. Por outro lado, não sabemos ao certo os efeitos dessa nova “metodologia” de ensino em despertar o interesse do alunado, pois, quando perguntados sobre a “participação” dos seus alunos nessa nova modalidade de aula, as respostas

foram bastante variadas: 38,1% afirmaram que “só aparecem aqueles realmente interessados”, enquanto que para 14,3% há uma participação de seus alunos acima de 70% (Fig. 3).

Fig. 3 Participação dos Alunos nas Aulas Remotas (Administração e Contábeis)



Fonte: Dados da pesquisa

Interessante é observar que a utilização de apenas uma ferramenta para transmitir o conhecimento possa vir a ter um forte efeito na motivação dos alunos em receber a informação, conforme nos adverte Marcos Masetto (2000, p. 145):

As técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam. Como o processo de aprendizagem abrange o desenvolvimento intelectual, afetivo, o desenvolvimento de competências e de atitudes, pode-se deduzir que a tecnologia a ser usada deverá ser variada e adequada a esses objetivos. Não podemos ter esperança de que uma ou duas técnicas, repetidas à exaustão, deem conta de incentivar e encaminhar toda a aprendizagem esperada.

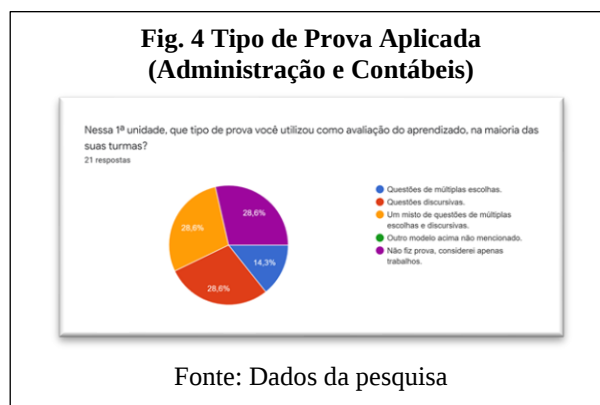
As razões dessa divergência de participação dos alunos não foram esclarecidas pela pesquisa; no entanto, é bem provável que o tamanho das turmas tenha influência direta nessa distorção uma vez que as turmas de Administração e Contábeis possuem alunos em quantidades muitas vezes bastante diferentes – pelo menos na Instituição analisada. De qualquer forma, os esforços dos docentes, mesmo depois desses tempos de pandemia, deverão ser bem maiores dos que até agora foram porque, como lembra Tori (2017, p. 33), “para educar é necessário quebrar barreiras e reduzir distâncias”, onde ao escolher ferramentas e estratégias de ensino atualmente disponíveis, os professores finalmente entendam que “esse é o caminho para uma educação transformadora e sintonizada com as demandas da sociedade pós-moderna, uma educação sem distância.”

5 AVALIAÇÃO DO APRENDIZADO COMO UM NOVO DESAFIO

Outro aspecto levantado pela pesquisa reportou-se ao processo de avaliação do aprendizado do alunado, por parte dos docentes, nesse novo contexto de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, procurou-se saber qual o tipo de prova elaborado pelo professor, que estratégias

foram usadas para compor a nota final da unidade e, finalmente, de que forma a avaliação foi enviada para o aluno.

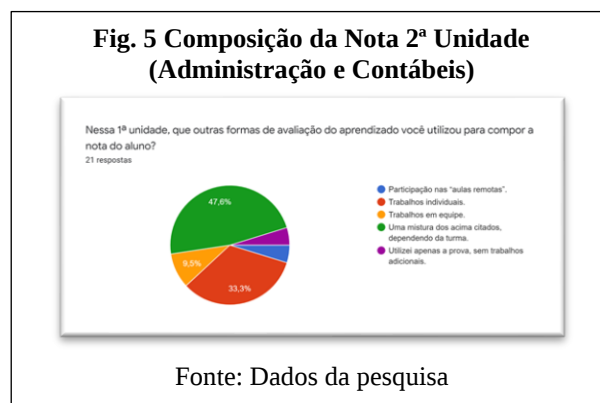
Interessante notar que, quando perguntados quanto ao tipo de prova que aplicaram diante dessa nova realidade, a maioria dos docentes ficou dividida entre “não fez prova” (28,6%), “questões discursivas” (28,6%) e “misto de múltiplas escolhas e discursivas” (28,6%), conforme indicado na figura 4.



Essas respostas ficam plenamente corroboradas quando, ao serem questionados sobre outras formas usadas para “compor a nota do aluno”, 47,6% dos docentes responderam que utilizaram uma mistura de participação nas ‘aulas remotas’, na entrega das tarefas dos ‘trabalhos individuais’ e ‘trabalhos em equipe’, enquanto 33,3% consideraram apenas os trabalhos individuais para essa composição (Fig. 5).

Essa forma de avaliação, entendida como *somativa*, está coerente com a prática utilizada em cursos *on-line*, como nos ensina Oliveira (2015, p. 362):

É preciso reconhecer que as ações somativas são as mais amplamente empregadas nos cursos *on-line*, tanto no meio empresarial quanto no acadêmico. Quando alguém utiliza as palavras “prova”, “teste”, “exame”, entre outras, está se referindo, na maior parte das vezes, a essa modalidade avaliativa.



No entanto, uma preocupação implícita na pesquisa estava relacionada com as dificuldades do alunado em acompanhar as “aulas remotas”, pressupondo-se que a maioria dos nossos discentes não dispõe de recursos tecnológicos suficientes – incluindo-se aí desde computadores até sinais adequados de internet. Nesse sentido, procurou-se saber dos docentes pesquisados, qual a forma que utilizaram para enviar a avaliação aos seus alunos. Computadas as respostas, 42,9% dos professores afirmaram ter enviado a avaliação para o e-mail individual de cada aluno – via Portal Institucional – e 23,8% para o e-mail da turma (Fig. 6). Torna-se importante considerar o fato de que uma parcela significativa dos docentes, nos dois cursos, afirmou que adotar “os trabalhos solicitados” para atribuir a nota da 1ª unidade (23,8%).

**Fig. 6 Forma de Envio da Avaliação
(Administração e Contábeis)**



Fonte: Dados da pesquisa

A compilação das respostas acima, embora perfeitamente entendidas como alternativas à situação momentaneamente vivida, não exige o professor desses tempos pós-modernos de refletir sobre as suas práticas e metodologias de avaliação do aprendizado. Migrar das avaliações *somativas* para as avaliações *formativas* deverá ser uma atitude mais compatível com esse tempo das novas tecnologias e modo de novas interações entre professor-aluno, pois, conforme nos ensina Perrenoud (1999, p. 103), “é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. Só esperamos, contudo, que esse processo de mudança venha de fato a acontecer, quando houver realmente passado essa fase pandêmica que afetou o nosso cotidiano e, por conseguinte, muitas de nossas práticas docentes.

6 DEPOIMENTOS: O CHOQUE COM A NOVA REALIDADE

Diante da necessidade que tiveram todos os docentes da Instituição, pelos menos aqueles que atuam nos cursos objeto da presente pesquisa, de se adaptarem rapidamente a uma nova forma de estruturar as suas aulas, bem como ministrar seus conhecimentos, nesse tempo de isolamento social, não é exagero afirmar que os “professores agora tornaram-se alunos”! Isso porque, acostumados às aulas presenciais, amparadas em textos, slides e lousa, além de serem recheadas por atos, atitudes e gestos, muitas vezes espalhafatosos, tiveram que abandonar a tudo isso para “aprender” a lidar com novas tecnologias à serviço do ensino e, principalmente,

ficarem “perto” de seus alunos, embora agora “distantes”. Estavam, sem querer, entrando no mundo da “educação sem distância”, no dizer de Romero Tori (2017).

Na presente pesquisa, solicitou-se então aos docentes que, em espaço livre, expusessem suas inquietudes e dificuldades. Muitas foram as contribuições. Porém, em função dos objetivos limitados do presente texto, selecionamos apenas duas para apreciação. Talvez a que mereça nossa primeira reflexão está no contundente depoimento que expressa nossas fraquezas embutidas: ***“Esse é o momento de boa oportunidade para que todos os professores repensem suas práticas pedagógicas, principalmente o uso de tecnologia nas aulas presenciais e critérios de avaliação do aprendizado”***.

Vale a pena salientar que o docente não se refere ao ensino a distância (EAD), mas, ao contrário, conclama para que utilizemos as tecnologias – há muito tempo disponíveis – em nossas “aulas presenciais”, quando elas um dia voltarem a acontecer. E essas “tecnologias” a que se refere o professor, não são poucas, sendo quase todas acessíveis a um simples *click* no celular e, portanto, podem (e devem) ser utilizadas em componentes curriculares específicos de quaisquer cursos. A título de exemplos, listamos no Quadro I alguns aplicativos direcionados aos docentes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis em suas aulas presenciais e, no Quadro II, outros destinados à veiculação de aulas remotas.

Quadro I – Aplicativos para o curso de Administração e Ciências Contábeis

Aplicativo	Aplicabilidade
Contábil	Cálculos para pagamentos de CLT, INSS, etc.
When I Work	Compartilhamento de informações da empresa, como dados e reuniões, direto com seus funcionários.
Simulador De Importação	Calcula os custos de importações de determinadas mercadorias do exterior.
Xe Currency	Cotações de moedas e informações sobre taxas, troca de câmbio particular, tudo em tempo real.
Zeropaper	Registra as demandas financeiras e gastos, o que facilita imensamente na hora de fazer o fluxo de caixa.
Bills	Organiza e classifica contas por categorias, calendário de pagamentos, etc.
Pai	Preço médio de mercadorias, custo tributário, controle de estoque, fluxo de caixa e projeção de custos.
Microsoft Project	Gerenciamento de projetos de qualquer natureza.

Fonte: Adaptado de Unidbsco (2018)

Quadro II – Aplicativos para Aulas Dinâmicas e Reuniões

Aplicativo	Aplicabilidade
Google Meet	Indicado para reuniões com grupos de alunos e/ou docentes.
Hangouts	Plataforma de comunicação que inclui mensagens instantâneas, chat de vídeo, etc.
Classroom	Funciona como uma sala de aula, onde é possível incluir exercícios e atividades diversas.
Skype	Permite comunicação pela Internet através de conexões de voz e vídeo,
Zoom	Serviço de conferência remota que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.
Redes sociais	Instagram, Facebook, Twitter, etc. que permitem o compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.
LoopWebinar	Permite transmitir aula ao vivo pela web, e dividir a exposição com mais de um palestrante (ou professor)

Fonte: Adaptado de Salles (2020); Produtos Google (2020).

À propósito, não é demais advertir que esses aplicativos, principalmente porque são acessíveis com um mero *click* em qualquer dispositivo móvel, já devem ser do conhecimento de grande parte dos nossos alunos – que são “nativos digitais” –, ao contrário dos nossos docentes – considerados “imigrantes digitais”.

Outro depoimento que também nos chama a atenção – se considerarmos o fato de que grande parte dos docentes participantes da presente pesquisa está acima de 50 anos: ***“Esse***

momento me fez perceber que, apesar da idade, ainda tenho garra para enfrentar as dificuldades que surgem. Me senti jovem outra vez”.

Essa fala do professor, ao nosso ver, contém duas lições: a primeira é que a idade cronológica não deve ser um impeditivo para se enfrentar desafios e, a segunda, é que a jovialidade pode ser, apenas, uma questão de “estado de espírito”.

Quanto à primeira lição, verificamos que, de fato, no mundo capitalista em que vivemos, no qual a produtividade – identificada essencialmente como quantitativa – é vista como uma meta para se medir a utilidade dos seres humanos, quase sempre desconhece a indispensável contribuição de pessoas “mais experientes” nas diversas áreas profissionais. Marques e Pachane (2010, p. 479), nos chama atenção para isso:

A sociedade determina, segundo interesses convencionados, o lugar e o papel do idoso. O critério de idade não é o único usado por ela, mas reúne em si justificativas para a não valoração e não emancipação desse ator social. Tais justificativas atrelam-se aos arranjos sociais elaborados pela lógica do capital e seu centro de interesses, pautado pela produtividade e retorno econômico, que descartam aqueles que estão à margem desse quadro, entre eles, os idosos.

No entanto, no campo da educação, essa “produtividade” certamente está diretamente ligada à experiência docente. Não é à toa que, por ocasião da elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) – o plano estratégico das instituições de ensino superior para cinco anos –, o próprio Ministério da Educação exige que se informe “o tempo de experiência docente no ensino superior”. Tal indicador expressa a importância dedicada aos anos de ensino e mostra claramente ser impossível que um docente com mais de 15 anos em sala de aula venha a ser um jovem de 25 anos, expressando os padrões de “jovialidade” aceitos pela sociedade!

Quanto à segunda lição embutida no depoimento do professor, comungamos com o poeta inglês Samuel Ulman ao afirmar que “a juventude não é uma época da vida, é um estado de espírito”, pois entendemos que o estado em que as pessoas se sentem, independe da sua idade cronológica. No entanto, esse “estado de espírito” dependerá de vários fatores que influenciam diuturnamente a vida de todos nós, incluindo aí eventos não programáveis – como foi o caso dessa pandemia – que afetam positivamente ou não as nossas emoções. Vianna, Bacha e Santos (2007), durante o IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, realizado em Santa Catarina nos dias 22 a 24 de outubro de 2007, nos ensinam sobre isso:

O estado de espírito (ou a forma como se sente ou o bem-estar subjetivo) tem indicadores cognitivos e emocionais. Entre os cognitivos estão a satisfação global com a vida e a satisfação referenciada a domínios (saúde física e cognitiva, sexualidade, relações sociais, familiares e espiritualidade); os emocionais envolvem medidas dos estados afetivos positivos e negativos.

No caso em análise, o professor se viu estimulado a reagir, diante da necessidade de construir “novas” relações sociais, enfrentando uma surgente adversidade que lhe deu forças para superar obstáculos e contratempos, apesar da idade cronológica. Em resumo, talvez os professores, no fundo, saibam que nunca se envelhece quando se tem conhecimento a transmitir de forma segura. Talvez guardem na memória a mensagem de Shakespeare, no diálogo entre o

bobo da corte e o rei Lear, de que “*Tu não devias ter ficado velho antes de ter ficado sábio*”. Os professores experientes devem ter aprendido essa lição do dramaturgo inglês!

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa indicam que os professores precisaram se “reinventar”, adotando procedimentos da educação a distância, onde a maioria não tinha experiência comprovada. Em resumo, esse estudo permitiu concluir que:

- A maioria dos nossos docentes são considerados “imigrantes digitais”, condição que, diante das circunstâncias, os obrigou a uma atualização com apetrechos tecnológicos que, possivelmente, já eram familiares da maioria de seus alunos;
- No entanto, mesmo ao buscarem essa “atualização” tecnológica, grande parte dos docentes preferiu, talvez por comodidade ou por orientação institucional, utilizar apenas um aplicativo para suas aulas remotas – que de certa forma pode ter contribuído para uma pequena “participação” do alunado nesses encontros virtuais;
- Quanto à forma de avaliação do aprendizado de seus alunos, quase todos os docentes preferiram adotar a avaliação *somativa* que, embora seja coerente com a prática utilizada em cursos *on-line*, pode ser repensada futuramente.

Por fim, impossível ignorar os depoimentos em que os docentes tiveram que compreender a necessidade de atualizar suas práticas pedagógicas presenciais, transformando-as em “remotas”, utilizando as tecnologias da educação a distância disponíveis para o ensino e aprendizagem, além de reagirem imediatamente às adversidades que lhes foram impostas, independentemente de sua idade cronológica. Por isso, acreditamos que alguns cursos presenciais letárgicos – que necessariamente não diz respeito aos analisados na presente pesquisa – venham finalmente a acordar para um mundo que, certamente, será bem diferente daquele então vigente até 16 de março de 2020.

REFERÊNCIAS

- CALADO, Marcos Antonio Fonseca. Projetos de pesquisa, artigos e trabalhos de conclusão de curso: iniciando o trabalho científico. Olinda: Livro Rápido, 2004.
- CASADEI, Graciele Reinert; BENNEMANN, Rose Mari; LUCENA, Tiago Franklin Rodrigues. Influência das redes sociais virtuais na saúde dos idosos. Enciclopédia Biosfera. Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.16 n.29, 2019. p. 1962-1975. Disponível em <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2019a/sau/influencia.pdf>. Acesso em 28 maio 2020.
- FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 29(2):e2020119, 2020. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200900. Acesso em 02 maio 2020.
- MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.2, p. 475-490, maio/ago. 2010.

- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 133-173.
- MATOS, José Haroldo de. A próxima pandemia: estamos preparados? Rev. Pan-Amaz Saúde, 2018, p. 9-11. Disponível em http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000300009. Acesso em 02 maio 2020.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, Gerson Pastre de. A multidimensionalidade na avaliação e validação de projetos. In: KENSKI, Vani Moreira. Design instrucional para cursos *on-lin*. São Paulo: Senac, 2015. p. 353-375.
- OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Disponível em https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 03 maio 2020.
- PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. On the Horizon, NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro 2001.
- PRODUTOS GOOGLE. Disponível em <https://about.google/intl/pt-BR/products/?tab=wh>. Acesso em 04 jun. 2020.
- SALLES, Filipe. 10 melhores ferramentas para aula online no iPhone, Android, PC e Mac. Disponível em <https://www.apptuts.net/tutorial/android/ferramentas-para-aula-online-iphone-android/>. Acesso em 04 jun. 2020.
- TILLMAN, Maggie; WILLINGS, Adrian. O que é o Zoom e como ele funciona? Mais dicas e truques. Disponível em <https://www.pocket-lint.com/pt-br/aplicativos/noticias/151426-o-que-e-zoom-e-como-funciona-alem-de-dicas-e-truques>. Acesso em 29 maio 2020.
- TORI, Romero. Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- VIANNA, Nadia Wacila Hanania; BACHA, Maria Lourdes; SANTOS, Jorgina F Severino dos. Tecnologia da Informação e Terceira Idade: uma análise na ótica de estado de espírito com relação à atual fase da vida e nível de independência. IV SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Santa Catarina, 22 a 24 out. 2007.
- ZANELLA, Liane Carly Hermes. Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.
- UNIDBSCO. Aplicativos essenciais para o empreendedor. (2018). Disponível em <https://www.domboscoead.com.br/pos-graduacao/noticias/aplicativos-essenciais-para-o-empendedor/123>. Acesso em 01 jun. 2020.